

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0020375

RIA DE GRANDES HOMENS

TERATURA BRASILEIRA

ORGANISADA SOB A DIREÇÃO DO
PROF. ÁLVARO GUERRA

OLAVO BILAC

(SUA VIDA E SUAS OBRAS)

1.^a Série - Vol. XII



MELHORAMENTOS DE S. PAULI O
(incorporado)
S - RIO - RECIFE

28
595

B0020395

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO, D. F. - E. U. RR 111

A BIBLIOTHECA CENTRAL
DE EDUCAÇÃO *a Biblioteca*
da Imprensa Nacional
1943

INTERCAMBIO: CAIXA POSTAL 1.702

IMPRESA NACIONAL
N 1772
BIBLIOTECA

IMPRESA NACIONAL

Biblioteca do Serviço Social

Nº 223

Data 12/10/1946



OLAVO BILAC

OLAVO BILAC

I

SUA VIDA

Olavo Bilac é a figura culminante desta nossa modesta galeria. Nelle se entrelaçam, com um relevo escultural, o literato e o patriota. Ninguém, como elle, soube fazer vibrar mais forte a corda do patriotismo na alma da Mocidade. Poeta, chronista e orador, — em qualquer dessas fulgurantes facetas do seu omnimodo talento, foi sempre um adorador encantado da Belleza eterna, onde quer que ella se

lhe deparasse. Estheta, na mais nobre accepção do termo, ninguém, antes d'elle, havia amado mais sinceramente a nossa lingua. A sua prosa, não menos que o seu verso, é deveras um primor: tem correcção, brilho, singeleza e naturalidade. E' Bilac, talvez, no Brasil, o artista mais completo da palavra.

*
* * *

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, filho legitimo do Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delphina de Paula Guimarães Bilac, nasceu a 16 de dezembro de 1865 no Rio de Janeiro, num prédio situado então na rua da Uruguayana, entre a do Ouvidor e a travessa do Rosário. Foi baptizado na freguezia de S. José e fez o seu curso de primeiras letras no collegio do Padre Belmonte.

Era aspiração de sua familia fazel-o doutor em medicina para con-

tinuar, assim, a tradição de seu genitor. A este, sorria-lhe bem fundada esperanza, ao ver a vivacidade de espirito que, na infância, ia já revelando o futuro discipulo de Galeno.

No curso de preparatórios, Bilac, entre os collegas de classe, embora não fosse dos mais applicados, conquistou sempre um lugar de evidencia, graças á precocidade do seu talento para as letras. Entretanto, nas aulas, tinha a apparencia de não ligar importância ao que explicava o professor; dava, mesmo, a impressão de que pouco se preocupava com as lições marcadas para a classe... E, não obstante, nenhum dos seus collegas, por mais applicado e inelligente que fosse, lhe levava a palma em comprehensão prompta da matéria e exposição fácil do ponto. E' verdade que o tinham por versátil e trêfego; era, porém, no fundo, um espirito arguto

e, tanto quanto lh'o permittiam Ião verdes annos, mais equilibrado que muitos dos seus collegas, - - prodigios de applicação e comportamento...

Feitos os preparatorios, matriculou-se Bilac na Academia de Medicina. Livre, afinal, dos bancos escolares e longe do olhar severo dos professores, achava-se, agora, num mundo completamente opposto áquelle em que elle, durante annos, não era ainda um ente senhor da sua vontade, mas um sêr escravizado a trez tyrannias: a disciplina, o estudo e... a vigilancia.

Como a ave engaiolada ao ser restituída á natureza, Bilac, livre dos bancos escolares, podia, dahi por deante, respirar a largos haustos o ar tonificante da liberdade. Agora, no seio da juventude acadêmica, não podia fugir ás leis fataes do meio. A vida bohemia sorria-lhe, e elle, attrahido irresistivelmente para o meio jor-

nalistico, onde sonhava glorias como poeta e chronista, deixou-se arrastar pelos enthusiasmos da época. Não tardou muito que, com José do Patrocinio, Raul Pompeia e outros rapazes de grande talento, se tornasse pioneiro da Abolição. A sua anciã de liberdade fêl-o, depois, naturalmente, propagandista da Republica.

O meio jornalistico, porém, não lhe permittia levar muito a serio o curso medico. Achava elle por demais soporíferas as aulas dos lentes, comquanto, senhor da matéria por intensa leitura antes dos actos, nenhuma difficuldade encontrasse em assimilar e expor o que outros, só á custa de longas e penosas vigalias, conseguiam encerebrar, mas nem sempre podiam expor com 'methodo, em linguagem clara, brilhantemente, como o fazia, em occasiões de apuro, o genial bohemio.

Bilac, aliás, ao frequentar a Aca-

demia de Medicina, não linha outro intuito a não ser o de cumprir um desejo de seu pae. No intimo, porém, reconhecia que não nascera para medico... A dôr humana impressionava-o por demais profundamente. A elle, verdadeiro artista, era-lhe impossivel adquirir a impassibilidade profissional ante os males phisicos e as desgraças orgânicas do seu semelhante. Km summa, não tinha bossa para a medicina... Por isso, apenas concluiu o 5.º anno, declarou a seu pae que aquella carreira, positivamente, não se compadecia com o seu temperamento idealista e volúvel. Amigo da liberdade, mais propicia se lhe antolhava a carreira do Direito. Esmerado cultor da palavra - - escripta ou falada —, seduzia-o a visão da tribuna, onde elle, doutrinando ás massas, pudesse fazer vingar os seus ideaes de liberdade, igualdade e fraternidade.

Bem a contragosto de seu genitor, partiu Bilac para S. Paulo. Ahi, na Faculdade de Direito, empolgando, desde logo, a admiração e sympathia dos académicos, encantados pela sua jovialidade e talento oratório, fez-se, dentro em pouco, a figura central da bohemia que, nas reuniões festivas da Faculdade, lhe applaudia, com ardor, os versos lyricos ou os rasgos de eloquência. Bilac, porém, saudoso do seu Rio de Janeiro e do meio intellectual a que tão de molde se adaptara, interrompeu o curso jurídico no 2.º anno e regressou á sua querida capital, para não mais volver ao antigo mosteiro de S. Francisco.

Era de esperar que, com tal resolução, desse elle grande desgosto a seu pae. Lamentando a versatilidade do filho, pródigo de talento e de energias mentaes, o Dr. Guimarães Bilac não augurava bem da vida que levava o

írfego bohemio nas rodas literarias ou no meio jornalístico da época. Vaticinava-lhe, mesmo, um triste fim, alarmado com a vida toda de extravagâncias e dissipações a que se entregara o genial cultor do verso e da prosa.

..

A estada de Bilac em S. Paulo -- pouco mais de um anno -- aproveitou-a elle a estudar somente literatura. Eram seus autores predilectos Victor Hugo, Gautier, Bocage e Gonçalves Dias. Deixando cobrirem-se de pó os massudos tratados de Direito, nada mais fazia que sonhar e... *ouvir estrellas*. De regresso ao Rio, atirou-se em cheio á bohemia intellectual, renunciando, para sempre, todas as suas velleidades de formatura.

A imprensa seduzia-o. Primeiro, na *Cidade do Rio*, com José do Patro-

cinio; depois, na *Gazeta de Noticias*, com Ferreira Araújo; mais tarde, na *Noticia*, com Manoel da Rocha; a seguir, na *Cigarra* e na *Bruxa*, com Julião Machado, -- foi elle dissipando nababescamente os thesouros do seu privilegiado talento, ora em chronicas literárias, ora em secções humoristicas, ora em deliciosos versos, assignados, quasi sempre, com pseudonymo. E assim foi Bilac desdobrando a sua actividade por outros jornaes e revistas, aperfeiçoando-se rapidamente na arte de escrever e penetrando, cada vez mais, na esthetica da nossa lingua. Era um artista lapidario de si mesmo. Emquanto não se sentiu senhor da sua, arte, usou discretamente, na assignatura das suas produções, ou um nome supposto, ou uma simples inicial. Em algumas revistas, servia-se, mesmo, de trez, quatro ou mais pseudonyms, dando as-

sim a impressão de que eram varias pennas a colaborar no texto. Eis porque, quando definitivamente surgiu para o grande publico, com o nome próprio, já era um artista eximio, senhor absoluto do seu complicado instrumento de trabalho.



O temperamento volúvel e jovial de Bilac — temperamento de verdadeiro bohemio — era, agora, com pequenas diferenças, o mesmo dos tempos escolares. Assim, em plena liberdade de acção, expandia-se multiforme, num dispêndio tumultuoso de actividade e talento. Que diria, então, o seu austero genitor, ao vel-o geralmente applaudido e admirado naquella ascenção gradual, mas segura, para a gloria literaria? Ainda lhe vaticinaria um sinistro futuro? Cuidamos que não. Bilac era, evidente-

mente, no consenso unanime dos intellectuaes da sua época, um talento de escol, uma organização literária privilegiada, um artista de génio.

Ardoroso paladino da Republica, por elle tão poeticamente sonhada — regimen de liberdade, igualdade e fraternidade entre os filhos do mesmo paiz —, Bilac, como outros jornalistas, atacou valentemente a politica do Marechal de Ferro. Tanto bastou para que Floriano o encarcerasse, com outros, por seis mezes, na fortaleza da Lage, como prisioneiro politico. Continuando a ser perseguido, procurou refugio em Minas, onde, aproveitando aquellas treguas forçadas, revolveu archivos, consultou alfarrábios, investigou tradições, para brindar a nossa literatura com as suas interessantes *Chronicas e Novellas*.



Fez Bilac diversas viagens á Europa, não já para conhecer a civilização de além-Atlantico, ou, apenas, para admirar a natureza do velho continente. Percorria o Velho Mundo corno estheta, tão só para sentir a Belleza em outro meio que não o de sua pátria. Embora lá, por toda parte, o deslumbrassem as maravilhas da arte humana, não resistia por muito tempo á saudade da sua urbe, que elle, com pesar, comparava ás grandes capitães européas... Quão longe estava ainda o seu querido Rio, em belleza architectonica e progresso artistico, da portentosa e fascinante Paris, - - a Cidade-Luz que, com os seus mil e um encantos, irresistivelmente o seduzia!... Bem quizera elle ver, um dia, a sua cidade natal transformada em urbe moderna, não menos linda e encantadora que outras do Velho Mundo. Doia-lhe, ao regressar,

o confronto desta com aquellas que elle vira e admirara. Nem foi por outro movel que Bilac, de bom grado, se fez logo assessor efficaz do prefeito Passos na remodelação do Rio de Janeiro. Na *Noticia*, diariamente, em leves e scintillantes chronicas, apoiou, defendeu, prestigiou poderosamente a acção transformadora do benemérito governador da cidade. E operou-se o milagre! Hoje, o Bio de Janeiro, graças á remodelação por que passou, ó uma das mais bellas capitães do mundo.

Não era, porém, tão só o aspecto material, a belleza extrinseca, a esthetica architectural o que mais preocupava Bilac ao contemplar a sua adorada urbe. Inquietava-o, ainda, o analphabetismo que, nefastamente espalhado por todo o paiz, impedia que o seu Bio de Janeiro attingisse, em época não remota, o alto grau da cul-

tura parisiense. K por isso fez-se Bilac, também, ardoroso paladino da instrução primaria. Interessando-se pelo destino intellectual e social da infância brasileira, escreveu, para esta, primorosos livros didácticos; inaugurou, depois, para ella, uma literatura patriótica, ensinando-lhe, em paginas lapidares, bellamente, com singeleza e emoção, os passos mais notáveis da nossa historia.

Não contente com esta acção civilizadora e humanitária pelo futuro glorioso e feliz da Pátria, desempenhou Bilac, com dedicação e competência, os cargos de inspector escolar e director do Pedagogium.

Os assumptos da nossa historia mereciam-lhe carinhosa attenção. Conhecia, a fundo, o passado do seu paiz, graças a minuciosas investigações que, por mero deleite literário, se comprazia de fazer em velhos

alfarrábios do periodo colonial. E, como historiador, sabia encantar tanto quanto corno poeta e chronista. No genero, o seu poemeto heróico - *O Cacador de esmeraldas* é um primor de concepção e factura technica.

Tinha Bilac, em summa, na massa do sangue, a seiva patriótica. Como que a Providencia o fadara a um destino excelso, através das sinuosidades caprichosas da sua vida de collegial irrequieto e de estudante bohemio... Nesse ponto, felizmente, falhou por completo a sombria expectativa do Dr. Guimarães Bilac ao ver as estroinices do filho adolescente... Ainda bem!

* * *

Bilac não se destacava, apenas, genialmente, dentre os seus contemporâneos, como poeta e chronista:

era igualmente notável como orador. Desde os tempos em que elle, bohemianamente, cursava a nossa Faculdade de Direito, folgava, sempre, de encontrar ensejo para fazer vibrar, perante o grande publico, ou mesmo entre estudantes, o seu verbo scintillante e ardente. Tudo nelle contribuia para que dominasse, por completo, o auditorio: a presença altamente sympathica, a palavra quente e sonora, o brilho incomparável do estylo, o bom-senso critico com que tratava os assumptos, a originalidade de certos conceitos e, sobretudo, a emoção sincera, deveras communicativa, com que versava sobre os vultos e factos da nossa historia. Ficaram memoráveis as suas eruditas conferencias literárias, que serão sempre lidas com delicia e justamente admiradas por todos quantos conheçam e prezem a arte da palayra.

Não se imagina o êxito dos seus discursos patrióticos proferidos na Argentina quando, na comitiva do presidente Campos Salles, visitava aquelle paiz. Nas festas e banquetes, a sua oratória empolgante e deslumbradora, realmente maravilhosa, contribuiu, talvez mais do que os esforços officiaes, para se captar ali, na vizinha republica, mais sympathia e prestigio para a nossa pátria.

Tornou Bilac á Argentina para exercer no Congresso Pan-Americano o cargo de secretario geral, e, tanto nas suas funcções officiaes, quanto na sua acção patriótica, infatigavelmente se esforçou por erguer bem alto o nome do nosso Brasil, -- arrebatando, então, mais do que nunca, com o seu verbo fulgurante, o selecto e numeroso auditório.

Muita gente, talvez, sem ter acompanhado, na vida do artista, a evo-

lução psychologica do homem, terá supposto que Bilac surgiu patriota da noite para o dia... Para que, entretanto, alguém disto se dissuada, basta ler-lhe a obra literaria, desde os primeiros versos até os derradeiros discursos, - primores de eloquência e civismo. A Pátria, alegre ou triste, feliz ou desventurosa, em paz ou em guerra, nunca deixou de lhe estar presente, não só no espirito, entre sonhos de felicidade e gloria, mas também no coração, entre estos de amor e orgulho. Em todas as suas produções, em verso ou em prosa, o que logo se nos impõe á vista intellectual, bem accentuada e forte, é a silhueta do patriota: é a mesma linha, o mesmo contorno, o mesmo perfil nimbado pela flamma do seu genio!

Era preocupação de Bilac mostrar aos seus patricios que o patriotismo nacional, após varias crises epi-

lepticas, havia cahido numa prostração de moribundo. Urgia galvanizar esse semi-cadaver, dar-lhe movimento e calor, injectar-lhe vida nova... Estava, porém, escripto que o nosso patriotismo modorrento só devera despertar, estremunhado, aos trons infernaes e aos clarões apocalypticos da conflagração européa... Foi quando o phantastico incêndio, atirando fagulhas por sobre o Atlântico, ameaçava propagar-se até ao nosso Brasil, - - foi só então que a consciência nacional despertou aos brados propheticos desse novo Ezequiel. No seu terrivel despertar, abria ella os olhos, em espasmo, como que sem comprehender a imminencia do perigo...

*
*
*

Ainda está bem fresco na memória de todos. Foi em 1915, a 9 de outubro, que Bilac, em nossa Facul-

dado de Direito, perante os academicos ali reunidos para lhe prestarem significativa homenagem, lançou, em memorável discurso, o seu patriótico appello aos Moços. Dir-se-ia que aquella inflammada oração fôra a centelha atirada a um rastilho de pólvora já existente em todas as direcções do paiz.

Qual a razão por que Bilac escolhera S. Paulo para inicio da sua evangelização messiânica? Certo, porque daqui, em todos os tempos, tem partido o brado de alarma para as campanhas patrióticas. No Rio, centro de agitação febril e, pois, mais rumoroso na lucta pelo pão quotidiano, a sua voz, embora vibrante e prestigiosa, ficaria abafada, não diremos pela indifferença, mas, talvez, pelos estridores confusos dos egoismos do momento em choques brutaes com as realidades da vida... Era do meio da

mocidade paulista que elle, rasgando perspectivas novas, tencionava mostrar á alma nacional os perigos accumulados além, na fimbria de um futuro não remoto, como nuvens prenunciadoras de borrasca... Urgia conjurar a catastrophe.

E foi assim que Bilac, partindo para S. Paulo, com a alma cheia de esperanças no futuro da Pátria, iniciou logo, aqui, como centro principal de irradiação, a sua memorável campanha nacionalista. Deveras, o ponto estratégico foi admiravelmente escolhido. S. Paulo, além de ser a menos isolada das capitães do Brasil, graças á sua ampla rede de communicações com os demais Estados, é, ainda, como se sabe, um populoso centro de convergência, não só de brasileiros de todas as regiões do paiz, mas tambem de estrangeiros de todas as partes do globo... Era S. Paulo — a capital cos-

mopolita - - o Sinai da nossa regeneração *cívica*. Realmente, desta montanha augusta, partiu para todos os pontos cardiaes do Brasil a centelha incendiaria do verbo *flammante* de Bilac. E a sua eloquência miraculosa ia, aqui, acolá, além, no Rio ou nos Estados, combatendo o *analphabetismo*, a falta de educação *politica* e, não menos, o *indifferentismo* fatalista do nosso povo para com os destinos da Pátria e, já se vê, também, para com os grandes inales que, de perto, ferozmente nos ameaçavam.

A nação brasileira, até então *apathica* e, como sempre, *refractaria* ao serviço militar, - - a nação brasileira corre aos *pleitos* eleitoraes, enche os quartéis, movimenta-se e, resoluta, aguarda o toque de rebate. O povo, agora, já consciente dos seus deveres e dos seus direitos, agita-se, com entusiasmo, a caminho das urnas.

Eram estas que, no sentir de Bilac, deviam exprimir, sem fraudes nem embustes, a vontade soberana do povo na escolha dos dirigentes politicos do paiz. E assim, gloriosamente, ia o grande patriota galgando o seu Thabor, quando a Morte, traiçoeiramente, a meia encosta do monte, o salteia e o prostra, inânime, na profundez rnysteriosa de um túmulo, apagando-lhe, para sempre, a auriflamma do génio e do patriotismo!

O prematuro passamento de Bilac, occorrido a 28 *de* dezembro de 1918, foi um verdadeiro desastre, - - não só para a nossa literatura, mas, sobretudo, para a nossa Pátria.



II

OBRAS DE BILAC

Bilac foi eleito e proclamado, com justiça, *Principe dos poetas brasileiros* pelos seus contemporâneos. Realmente, era elle, com Raymundo Corrêa, Theophilo Dias e Alberto de Oliveira, um dos quatro grandes parnasianos do Brasil e, sem contradicção, um dos vultos proeminentes da nossa literatura. Ourives da forma, joalheiro do verso, cultor aristocrático da poesia, a sua arte caracteriza-se pela fluência, singeleza e maviosidade. Como poeta, revela inspiração e sen-

sibilidade, sem, aliás, descair na tristeza dos lyricos brasileiros: sabia expandir a sua paixão com sobriedade, sem o sentimentalismo plangente, mas nem sempre sincero, dos românticos.

As produções poéticas de Bilac podem dividir-se em dois generos: effusões amorosas, que nos mostram, em plena luz, o artista e o homem; e idealizações históricas, que, sob modesta penumbra, nos deixam ver o erudito e o patriota. Ao primeiro grupo pertencem, no seu volume de estréa, a *Via-lactea* e as *Sarças de fogo*; ao segundo, o *Sonho de Marco António*, *Delenda Carthago*, *O julgamento de Phrynéa*, *A tentação de Xenócrates*, *Sagres* e, sobretudo, o *Caçador de esmeraldas*.

Bilac, na prosa, como chronista, não foi menos notavel: de um humor alegre, claro e, portanto, communicativo, as suas chronicas, vasadas numa

linguagem de lei, encerram sempre grande dose de bom-senso, phantasia e sensibilidade. Na tribuna, a sua palavra prestigiosa seduzia e arrebatava.

Foi Bilac um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (cadeira Gonçalves Dias) e da Liga da Defesa Nacional. Fundou, também, a Agencia Americana, que, conforme o declarou pela imprensa o Barão do Rio Branco, então ministro do exterior, patrióticos e relevantes serviços prestou ao nosso Brasil. Foi Bilac, ainda, o fundador do *Jornal da Exposição*, de 1908, - - hymno diário, em excellente prosa, aos recursos, vantagens e progressos da nossa Pátria em todos os departamentos da actividade humana.

O brilhante e operoso escriptor collaborou nos seguintes jornaes e revistas: *Cidade do Rio*, *Gazeta de Noticias*, *O Combate*, *A Rua*, *A Noticia*,

Correio Paulistano, *O Século*, de Lisboa, *La Nacion*, de Buenos-Aires, *A Semana*, *A Cigarra* e *A Bruxa*. Publicou vários livros de incontestável valor, a saber: *Poesias - Panópias*, *Via-lactea* e *Sarças de fogo* (1888); *Chronicas e Novellas* (1894); *Sagres*, poemeto (1898); *Poesias*, edição definitiva, contendo, além das partes da edição de 1888, mais: *Alma, inquieta*, *As viagens* e *O Caçador de Esmeraldas* (1902); *Critica e Fantasia* (1904); *Poesias infantis* (1904); *Conferencias literárias* (1906); *Ironia e Piedade* (1916). Em collaboração com M. Bomfim, escreveu: *Livro de Composição* e *Livro de Leitura* (1.899) e *Através do Brasil* (1913); com Coelho Netto: *Contos Pátrios* e *Theatro Infantil* (1905) e *Pátria Brasileira* (1914); com Guimarães Passos: *Tratado de Versificação* (1905). Melhorou, augmentando-o, o *Diccionario de Rimas*,

de Guimarães Passos; traduziu: *Juca e Chico*, livro para crianças.

Ao morrer, deixou *Bilac*, concluído, o seu último florilégio poético — *Tarde*, que saiu á luz em 1919. É um livro emocionante. *Nelle* se retratam, melancolicamente, a vida e a personalidade do artista, já então resignado á lei fatal do *soffrimento* humano. Deixou, também, inédito, um *Diccionario Analógico da Língua Portuguesa*. A publicação deste notável trabalho de erudição e paciência está anunciada para breve, assim como a das suas *Últimas conferencias e discursos*.

Nos excerptos que adiante transcrevemos acham-se caracteristicamente estampadas as tres feições literárias do insigne brasileiro (poeta, chronista e orador).

A' LINGUA PORTUGUEZA

Ultima flôr do Lacio, inculta e bella,
Es, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lyra singela,
Que tens o trom e o silvo da procella,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: «meu filho!»
E em que Camões chorou, no exilio amargo,
O génio sem ventura e o amor sem brilho!

A GONÇALVES DIAS

Celebraste o dominio soberano
Das grandes tribus, o tropel fremente
Da guerra bruta, o entrechocar insano
Dos tacapes vibrados rijamente,

O maracá e as flechas, o estridente
Troar da inubia, e o kanitar indiano...
E, eternizando o povo americano,
Vives eterno em teu poema ingente.

Estes revoltos, largos rios, estas
Zonas fecundas, estas seculares,
Verdejantes e amplísimas florestas

Guardam teu nome: e a lyra que pulsaste
Inda se escuta, a derramar nos ares
O estridor das batalhas que cantaste.

A MINHA MÃE

Sei que um dia não ha (e isso é bastante
A esta saudade, mãe!), em que a teu lado
Sentir não julgues minha sombra errante,
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

— Minha mãe! minha mãe! — a cada instante
Ouve. Volves, em lagrimas banhado,
O rosto, conhecendo soluçante
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito
Minh'alma na tua alma repousando,
Repousando meu peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,
E abres os braços trémulos, chorando,
Para nos braços apertar teu filho!

Todos esses louvores -- bem o viste --
Não conseguiram demudar-me o aspecto:
Só me turbou esse louvor discreto
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que entendeste o meu affecto,
E, através dessas rimas, presentiste
Meu coração que palpitava, triste,
E o mal que havia dentro em mim secreto.

Ai de mim, se de lagrimas inúteis
Estes versos banhasse, ambicionando
Das néscias turbas os applausos fúteis!

Dou-me por pago, se um olhar lhe deres:
Fil-os pensando em ti, fil-os pensando
Na mais pura de todas as mulheres.

TEU NOME

Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma bôca indiferente
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquelle que, misero, a tortura
Soffre de amargo exilio, e tristemente
A linguagem natal, maviosa e pura,
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome
De uma pátria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvil-o é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.

A RONDA NOCTURNA

Noite cerrada, tormentosa, escura,
Lá fóra. Dorme em trevas o convento.
Ouêda immoto o arvored. Não fulgura
Uma estrella no torvo firmamento.

Dentro é tudo mudez. Flébil murmura,
De espaço a espaço, emtanto, a voz do vento:
E ha um rasgar de sudários pela altura,
Passo de espectros pelo pavimento...

Mas, de súbito, os gonzos das pesadas
Portas rangem... Ecôa surdamente
Leve rumor de vozes abafadas.

E, ao clarão de uma lâmpada tremente,
Do claustro sob as tácitas arcadas
Passa a ronda nocturna, lentamente.

RIO ABAIXO

Treme o rio, a rolar, de vaga. em vaga...
Quasi noite. Ao sabor do curso lento
Da agua, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuaes o vento.

Vivo, ha pouco, de purpura, sangrento,
Desmaia agora o occaso. A noite apaga
A derradeira luz do firmamento...
Rola o rio, a tremer de vaga em vaga.

Um silencio tristissimo por tudo
Se espalha. Mas a lua lentamente
Surge na fimbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pallido, embebido
Como um gladio de prata na corrente.
Rasga o seio do rio adormecido.

AOS MEUS AMIGOS DE SÃO PAULO

Se amo, padeço, e sonho, a recompensa
E' a melhor que me daes, neste agasalho:
Desta ternura, sobre mim suspensa,
Desce lodo o valor do quanto valho.

Não tenho aroma que vos não pertença:
Vêm de vós u doçura e o bem que espalho;
Valemos todos pela. nossa crença,
Na communhão do amor e do trabalho.

Operário modesto, abelha pobre,
De vós e para vós o mel fabrico,
E abençoo a colmeia que nos cobre.

Só do labor geral me glorifico:
Por ser da minha terra é que sou nobre,
Por ser da minha gente é que sou rico.

OS SINOS

O arcebispo acaba de ordenar que todos os sinos das igrejas da archidiocese repiquem festivamente, á meia-noite, justamente no instante em que S. Silvestre dêr passagem ao século que ahí vem.

Cantae, sonoros bronzes catholicos! que, com a vossa grave harmonia, todas as nossas almas subam também á dourada planicie das estrellas, a esse turbilhão de pátrias desconhecidas de que andamos desterrados! Os canhões das fortalezas e das naves de guerra atroarão os ares, nesse mesmo minuto, com a rouca vozeria das suas negras bocas; mas a voz que ha de chegar ao ouvido do Senhor

será a vossa, partida das alvas torres que coroam os templos, -- casas do ideal, ninhos de fé, albergues a cujas portas, pelas escuras horas da agonia, vae bater o nosso desespero pedindo um raio da graça divina.

O primeiro homem que se lembrou de, no alto de uma torre, fixar um sino, — quiz plantar no meio da agremiação humana um symbolo desta vaga aspiração que eleva todas as almas, ainda as rmais embrutecidas pelas torpezas terrenas, ao intangível ideal da suprema pureza. Todas as vozes humanas se amalgamam e fundem no bojo do sino glorioso, e saem dahi, casadas numa só voz soberana, de asas amplas, que buscam Deus, carregando todas as nossas culpas e todos os nossos remorsos.

O sino é o nume protector da cidade, em torno do qual todos os habitantes se congregam.

«Vinde, companheiros! vinde ver o formoso sino! baptisemol-o! demos-lhe o nome de Concórdia, para que, cm torno de si, elle consiga reunir todos os homens em um accôrdo sincero... Eleva-te, clamante rnetal! equilibrate no seio azul do espaço, vizinho da tempestade e coroado de estrellas; que a tua voz se

misture ao concerto dos astros, celebrando a gloria do Creador!» Assim, na famosa *Canção do sino*, se exprimia a nobre musa de Schiller, ao alvorecer do século que vae morrer manhã.

Não ha poeta que não ame os sinos, os solitarios habitantes das alturas, cuja serena voz leva ao céu as queixas, os suspiros, as preces da terra.

Quando, em faixas de ouro e cinabrio, aponta a manhã no horizonte, eil-os que cantam, ao acordar das serras e dos valles, a gloria de viver, o renascimento das gentes e das cousas; mais tarde, vibrando no ar ardente, com o bojo sonoro scintillando á soalheira, eil-os que se desfazem em harmonias alegres, celebrando a febre de trabalho, a pal-pitação dos campos lavrados, a agitação fecunda dos homens, dos animaes, das charruas e das fabricas; e, quando a tarde declina, quando, morosamente movendo os passos, os bois tardios regressam ao curral; á hora em que as luzes se accendem nos lares o os vagalumes começam a luzir como estrellas pequeninas no fundo escuro dos arvoredos, — os sinos adoçam a sua forte voz sonora, para chorar a agonia do sol e enviar ao claro

estendal dos astros os desejos indefinidos dos vermes humanos.

E elles celebram as grandes datas festivas e as datas fúnebres dos desastres; despejam sobre as crianças que se baptisam a revoada dos seus repiques festivos; acompanham com o ullular queixoso do seu dobre os féretros que passam, caminho do cemitério; chamam, dez leguas em torno, das remotas aldeias, a gente piedosa para a missa catholica, em que Deus condescende em communicar com os peccadores do mundo, santificando com a sua presença o alvo seio da, hóstia; annunciam aos camponezes descuidados o incêndio das herdades e os estragos das enchentes; e, não raro, atropelando com furor as suas notas rugidoras, propagam o clamor das rebelliões, amotinando o populacho bravio, em defesa da liberdade da patria.

Mas nunca o vozear dos sinos teve a lata significação que terá amanhã, — quando, unidos na mesma idéa, todos elles se puzerem a vibrar, trémulos e barulhentos, indo, fugindo, descendo, sorrindo, chorando, -- agora num esfusiar de notas agudas como numa grazinada de aves, agora num lento desdobrar de notas graves...

Todos elles vibrarão amanhã, aos milhões, pela face de toda a terra: sinos arrogantes de cathedra.es faustosas, humildes campas de capellinhas aldeãs, sinetas severas de conventos, lugubres campanulas de hospitaes e de prisões, -- todos os bronzes resoarão...

Até mesmo aquelles que dormiram seculos, nas esburacadas torres da Idade-Média, silenciosamente relembrando todos os horrores que annunciavam, todos os crimes que acoroçoavam, todas as atrocidades que incitavam, — esses também sahirão do lethargo e, agitando-se entre nuvens de poeira secular, entrarão no concerto geral.

Ainda hontem, dizia-nos um telegramma de Florença que os sinos do palácio «del-Bargello», que, no tempo da Republica Florentina, dobravam, quando os condemnados sahiam para o supplicio, serão tangidos no ultimo dia deste século, depois de seiscentos annos de mudez. Quantos outros, como esses, adormecidos e paralysados ha séculos, e carregados de culpas, aproveitarão o concerto de amanhã para purificar a sua voz criminosa!

As velhas cidades da Europa estão cheias desses campanários anciãos, collaboradofes das hediondas tragédias politicas e religiosas

que ensanguentaram o velho continente. Não foram os sinos que deram, em França, o signal primeiro para a chacina de St. Barthélemy?

No Brasil, os carrilhões das igrejas são mais innocentes. A sua maior culpa consistiu na facilidade com que, ha alguns annos, se puzeram a decorar os tangos indecentes, as lascivas polkas, os ignóbeis *maxixes* com que prostituíram a voz destinada ao serviço divino...

Mas todas essas culpas já estão remidas. As cordas que sacudiam as pesadas moles metallicas, obrigando-as a entrar na cumplidade das carnificinas ou dos descadeiramentos dos lundus, já apodreceram, desfizeram-se em pó. As mãos que puxavam essas cordas já se desmancharam em lodo no fundo da ferra. K as almas, que animavam essas mãos, estão a. esta hora, se lhes não valeu a infinita misericórdia de Deus, ouvindo o fragoroso retumbar dos carrilhões do inferno...

Elles, os passivos sinos, é que não são responsáveis pelas barbaridades que os forcaram a commetter. Bem o disse o nosso amado Luiz Delfino, nos versos de ouro da *Solemnia Verba*: — póde um delles cobrir-se de azinhavre, de lodo, de infâmias...

Mas, quando chega, de repente, o dia
em que o seio metallico é vibrado.
não ha infamias, azinhavre, lodo:
para cantar seu hymno é bronze todo.

Cantae, sonoros bronzes catholicos! que a noite final do século passe á eternidade, escoltada por esse cortejo barulhento de repiques e dobres! que, ao grave responso, com que ides acompanhar em cantochão o féretro do seculo morto, succeda o travesso e trauteado cantarolar com que ides embalar o berço do século infante! e que as vossas vozes, casadas todas numa alegre matinada, digam ao complacente e paternal ouvido de Deus: «Senhor! os homens são pérfidos, ambiciosos, cruéis; maltratam as crianças, ferem as arvores, espancam e matam os animaes; riem das lagrimas dos que têm fome e sede de justiça, e mofam dos andrajos em que passa envergada, a miséria; por amor do ouro, deixam sem pão os orphams, e por amor da gloria ensanguentam a terra; os homens estão carregados de crimes. Senhor! Mas, Senhor, por que assim os fizestes tão fracos? Senhor, tem piedade dos homens! dá-lhes um século de paz e de amor, em que se não veja tanta injustiça triumphante e tanta bondade abatida!»

Cantae, sonoros bronzes catholicos!

(1899)

ORAÇÃO AOS MOÇOS

Ser-me-ia fácil, para agradecer a vossa carinhosa recepção, improvisar algumas phrases de brilho fugaz, que morressem aqui ao nascer, — musica sem idéas, fútil e amável cortezia, sem fundo e sem eco. Mas quiz dar alguma vida, mais calor e duração ás minhas palavras, e escrevi-as para que ellas, confiadas agora aos vossos ouvidos e ás vossas almas, possam extender-se a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os brasileiros de vossa idade, crescendo, estudando, sonhando, dentro do immenso e inquieto coração do Brasil.

O momento não quer discursos ôcos e retumbantes, sonoridades entontecedoras rolando na esterilidade do vácuo. O que se exige agora é a simplicidade de idéas fortes em palavras claras, que, na sua, dura tristeza, tenham, com revolta, um estímulo para a esperança, para, a crença e para, o heroismo. Não podeis, talvez, perceber com perfeita consciência a gravidade da nossa situação moral. Viveis numa rica metrópole, entre o sorriso e a gala da, vida culta; e não podeis entrever o caos, a confusão e os perigos que enchem

toda a nossa maravilhosa e inconsistente pátria. Na juventude, tudo é graça e facilidade, espontaneidade e embevecimento: uma pureza natural, que do intimo se transborda para o exterior em véos illusorios, um fascínio próprio, que se espalha sobre o ambiente e embeleza o espectáculo da vida real... Mas é força que, antes do tempo devido, alguém cruelmente vos arranque da paz e do roubo. Vêde que, na Europa, hoje, quando a guerra abre diariamente largos claros nas fileiras dos combatentes, os governos chamam ás armas as mais novas classes dos exércitos, as phalanges dos adolescentès, reservas fulgentes da primavera nacional; aqui, outra desgraça mais triste opprime o paiz, e outra morte peor escasseia os filhos válidos, -- desgraça de character e morte moral; e já que os varões, incapazes ou indifferentes, deixam o Brasil devastado sem guerra e caduco antes da velhice, — venham ao campo os ephebos, em que o ardor sagrado contrabalance a inexperiência e em que o irmpeto da fé suppra a immaturidade dos annos!

Não vos deixeis deslumbrar do magnifico progresso desta cidade e deste Estado: São Paulo não é todo o Brasil; e a verdadeira

grandeza de um paiz não é a sua riqueza. Por outro lado, não imagineis que o que me assusta é o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e productivo na maior parte da União, nem o onus formidável das dividas opprimindo o nosso futuro. Ainda ha muita ventura e dignidade nas casas em que não ha muito pão; mas nada ha, quando não ha amor e orgulho.

O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal, não ha nobreza de alma; sem nobreza de alma, não ha desinteresse; sem desinteresse, não ha cohesão; sem cohesão, não ha pátria.

Uma onda desmoralizadora de desanimo avassalla todas as almas. Não ha em cada alma a centelha creadora, que é a consciencia da força e da bondade; e de alma para alma não ha uma corrente de solidariedade, de crença commum, e de entusiasmo, que congregue todo o povo numa mesma aspiração.

Hoje, a indiferença é a lei moral; o interesse próprio é o único incentivo. O «arrivismo», — hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda, — epidemia moral, que tende a, transformar-se e a enraizar-se corno endemia, enve-

na lodo o organismo social e mata todos os germens da dedicação e da fé; cada um quer gosar e viver sozinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como fôr, através de todas as traições, por cima de todos os escrúpulos. Assim, a communhão desfaz-se, e transforma-se em acampamento bárbaro e mercenário, governado pelo conflicto das cobiças individuaes. E os politicos profissionaes, pastores egoistas do rebanho tremalhado, nada fazem para impedir a dispersão; e quando não feem aproveitam do regabofe generalizado, e quando se locupletam imitando a gula commum, apenas se contentam com a passiva e ridicula vaidade do mando ficticio...

Esse é o espectáculo que nos deparam as classes cultas. As outras, as mais humildes camadas populares, mantidas na mais bruta ignorância, mostram só inércia, apathia, superstição, absoluta privação de consciência. Nos rudes sertões, os homens não são brasileiros, nem ao menos são verdadeiros homens; são viventes sem alma creadora e livre, como as feras, como os insectos, como as arvores. A maior extensão do território está povoada de analphabetos; a instrucção pri-

maria, entregue ao poder dos governos locais, é muitas vezes, apenas, uma das rodas na engrenagem eleitoral de campanário, um dos instrumentos da marteira politica. Quanto á instrucção professional, — essa, na maior parte dos Estados da União, é um raytho, uma fabula, uma ficção. Lembrae-vos que, se a escravidão foi um crime hediondo, não foi menos estúpido o crime praticado pela impvidência e pela imbecilidade dos legisladores, dando aos escravizados apenas a liberdade, sem lhes dar o ensino, o carinho, o amparo, a organização do trabalho, a capacidade material e moral para o exercicio da dignidade civica...

Que se tem feito, que se está fazendo para a definitiva constituição da nossa nacionalidade? Nada!

Os immigrants europeus mantêm aqui a sua lingua e os seus costumes. Outros idiomas e outras tradições deitam raizes, fixam-se na terra, viçam, prosperam. E a nossa lingua fenece, o nosso passado apaga-se...

Ha cinco annos, houve ura rebate ancioso e febril. Na tribuna e na imprensa, vibrou um alto chamamento, um toque de alarma a todas as energias adormecidas. E uma lei

apontou á, nossa esperança o entreluzir de uma promessa de salvação: a lei do sorteio militar, se não a providencia completa do serviço militar obrigatorio, ao menos um ensaio salutar, o primeiro passo para a convalescença e para a cura. Então, como ainda hoje, eu considerava que era, esse o único providencial remédio para o nosso definhamento. Nunca fui, não sou, nem serei um militarista. E não tenho medo do militarismo politico. O melhor meio para combater a possivel supremacia da casta, militar é justamente a militarização de todos os civis: a estratocracia é impossivel, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? E' o triumpho completo da democracia: o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da cohesão; o laboratorio da dignidade própria e do patriotismo; é a educação civica obrigatória; é o asseio obrigatório, a hygiene obrigatória, a regeneração muscular e psychica obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta de « abc » e do banho, animaes brutos que de homens têm apenas a apparencia e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação.

A caserna é um filtro admiravel, em que os homens se depuram e apuram: delia sabiriam conscientes, dignos, brasileiros, esses infelizes sem consciência, sem dignidade, sem pátria, que constituem a, massa amorpha e triste da nossa multidão... Mas nada se fez. O mesmo homem, o mesmo marechal, que, quando ministro da Guerra, promoveu esse movimento salutar em favor da nacionalidade, -- no dia em que subiu ao supremo poder, foi o primeiro a esquecer a sua criação, deixando-a morta no berço. E hoje, depois de um quadriennio de luctas estéreis, e de politicagem sem moral, — o problema terrivel permanece sem solução: uma terra opulenta em que muita gente morre de fome, um paiz sem nacionalidade, uma patria em que se não conhece o patriotismo...

Moços de São Paulo, estudantes do Direito, sêde também os estudantes e os pioneiros do Ideal brasileiro! Uni-vos a, todos os moços e estudantes de todo o Brasil: no exercito admirável, sereis os escoteiros da nossa Fé!

O Brasil não padece apenas da falta de dinheiro: padece e soffre da falta de crença e de esperança. O agonizante não quer mor-

ror: quer viver, salvar-se, reverdecer, "reflorescer, **rebentar** em nova o [ermida fructificação. Dae-lhe os vossos braços, dae-lhe as vossas almas, dae-lhe a vossa generosidade e o vosso sacrificio! Não espereis o dia em que, deixando esta casa, iniciardes a vossa efectiva existência civica, para o trabalho publico, para a agitação social. para a politica. Trabalhae, vibrae, protestae, desde já! Protestae, com o desinteresse, com a convicção, com a renuncia, com a poesia. — contra a mesquinharia, contra o *egoismo*, contra o « *ar-rivismo* », contra a baixeza da *indifferença*!

Desta velha casa, de entre estes sagrados muros que esplendem de tradições venerandas, deste quasi secular viveiro de tribunos e do poetas, — daqui *sahiram*, em rajadas do heroismo, em Ímpetos de *enthusiasmo*, as duas campanhas gloriosas que foram coroadas pela victoria da Abolição e da Republica. Estruja de novo a casa! estremeçam de novo os muros! e de novo palpite e resôe o aviario canoro, cheio de hymnos de combate e de gorgeios de *bondade*! Inaugurae, moços, de São Paulo, a nova campanha!

Perto de Vós, entre vós, o começo da minha velhice. Locada da graça *milagrosa* da

vossa mocidade, tem gomos verdes, feiticellos rebentos de resurreição!

Escuta e acolhe a revolta e a esperança do meu outono, ó primavera da minha terra! Em marcha victoriosa, ó meus irmãos, — para o Ideal!



III

NOTAS SUPPLEMENTARES

1. - As primicias poéticas de Bilac. — Alberto de Oliveira, em 1886, na *Semana*, de Valentim Magalhães, alludindo á primeira produção poética do nosso biographado, ainda menino, graciosamente referia:

«Era uma ode aos bravos do Paraguay; celebrava o poeta-bebê a passagem de Riachuelo, que seis mezes antes, a 11 de junho de 1865, illustrara a marinha brasileira, como o maior feito de armas da America do Sul. Lá estava, na pompa heróica dos

versos, a nossa esquadra guerreira, o *Amazonas*, o *Jequitinhonha*, o *Belmonte*, o *Iguatemy*, etc. Trôa o canhão, encrua-se o combate; no convés da *Parnahyba* tombam trez bravos: Marcilio Dias, Pedro Affonso e Grenhalgh. Empallidece o anjo da gloria, mas, logo, illumina-lhe o rosto o mais brilhante sorriso: é a nossa victoria! O *Amazonas* mette a pique trez navios contrários, foge a caterva de paraguayos...

O que, porém, naquella ode em bô-tão, nos versos do recém-nado cantor, fazia pasmar era o apuro da Forma, a excellencia das rimas, o vigor das onomatopéas. Sentia-se bem que estava ali o futuro artista da *Delenda Carthago*.»

2. — **A arte de Bilac.** -- José Verissimo, critico sisudo, sincero, sóbrio em elogios, reportando-se á estréa do poeta, expendeu, nos seus *Estudos de*

Literatura Brasileira (vol. Y, pag. 3),
os seguintes conceitos, que se nos afiguram de inteira justiça :

« O seu livro *Poesias*, apparecido em S. Paulo em 1888, revelou um poeta feito, possuidor de todos os segredos de uma arte que, segundo a sua « profissão de fé », posta no limiar dos seus poemas, devia ser menos a expressão das grandes emoções da sua alma ou da alma humana que a cizeladura rara, exquisita, impecavel, do verso. Confessara elle nesses versos, de facto primorosos, que ás grandes e, o que é mais, significativas creações da estatuária grega, os Zeus e as Pallas-Athenes, ern que a Grécia resumira o que de mais profundo e mais bello havia no seu sentimento religioso todo impregnado do seu intenso naturalismo, preferia

«...um leve relicario
Do fino artista.»

E todos os poemas do formoso livrinho realizavam esse programma de perfeição artistica com que elle queria, com um amor apaixonado da forma,

«...que a estíophe crystallina
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da officina
Sem um defeito.»

Esta preocupação, assim declarada, rebuscada mesmo, da forma, era, por assim dizer, nova na nossa poesia. Si o Sr. Machado de Assis foi, desde mais de 20 annos antes do Sr. Bilac, o nosso primeiro poeta artista, si outros contemporâneos ou immediatos predecessores deste praticaram tambem a esthetica parnasiana, nenhum o fez com tão manifesto propósito e, sobretudo, com tão triumphante pericia. E como antes destes innovadores reinava em a nossa poesia, com um singular relevo de sentimento e mesmo de expressão lyrica, um grande

descuido de fórma, comprehendendo a lingua, o estylo, a versificação, a métrica, o livro do Sr. Bilac, tão superiormente distincto sob este aspecto, com o sabor da novidade, e uma novidade realmente captivante, consagrou-o, sem favor, poeta primoroso, dando-lhe desde logo um dos primeiros lugares em a nossa poesia contemporânea. Não era, porém, só a forma, comquanto ella fosse por muito, o principal. Elle também cantava de outra maneira, embora, indo-se ao fundo da sua inspiração, se pudesse ver que ao cabo era a differença e a superioridade da sua forma que fazia a distincção do seu cantar.»

3. **A vida de Bilac.** Amadeu Amaral, em eloquente discurso, pronunciado por occasião de inaugurar-se, em S. Paulo, o monumento ao grande artista da palavra, sensatamente ponderou :

« A vida de Bilar é bella como uma obra de arte. Tem uma unidade profunda, através de todos os estágios do seu decurso. Póde reduzir-se a uma linha: a linha de uma ascensão permanente. Sim, elle não foi perfeito. Sim, elle, na sua mocidade... foi um moço. Maior o seu mérito. Emquanto uns estacionam, e outros decaem, elle continuamente subiu e cresceu. Elle, senhores, subiu e cresceu á medida que se aproximava da morte, como os grandes rios que se aprofundam e se alargam, dolorosos e magnificos, para cahir no oceano... »

